

Palimpsestos fotográficos e memória ambiental: etnografia das paisagens de Porto Alegre/RS¹

Felipe da Silva Rodrigues (UFRGS/RS)²

Palavras-chave: Antropologia Visual, palimpsestos fotográficos, etnografia urbana

Introdução

Como as imagens podem produzir conhecimento etnográfico sobre as cidades? Essa questão orienta esta pesquisa que propõe os palimpsestos fotográficos urbanos como estratégia teórico-metodológica para a investigação das memórias ambientais inscritas nas paisagens urbanas contemporâneas.

As paisagens das cidades contemporâneas são territórios carregadas de uma grande acumulação temporal. Nelas se depositam, em camadas superpostas, os rastros de sucessivas transformações: demolições, aterros, reconstruções, apagamentos, que configuram a forma atual da cidade e inscrevem, de modo nem sempre visível, as memórias ambientais desses processos. Investigar essas memórias exige procedimentos capazes de lidar com a pluralidade de tempos urbanos, de tornar perceptível o que persiste sob a superfície do presente. Uma etnografia das paisagens urbanas apresenta-se como uma alternativa de se pesquisar a memória ambiental que reside na cidade.

Estudar a memória ambiental é rememorar paisagens que, para nós, não mais se encontram nos mesmos lugares, que mudaram suas feições e que perderam sua antiga vibração, mas que, hoje, ainda provocam a imaginação criadora de outras gerações, e por razões diversas das nossas. Sem dúvida, os eventos, os acontecimentos e as situações ditas ambientais assinalam rupturas e perdas para as vidas humanas, às vezes traumáticas, às vezes agradáveis. Mas não nos esqueçamos de que, em todos os jogos da memória ambiental, estão presentes outros humanos e não humanos, uma vez que o ambiente cósmico é igualmente social. (Eckert e Rocha, 2021, p.11)

Esta pesquisa, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, propõe os palimpsestos fotográficos urbanos como estratégia teórico-metodológica para a realização de uma etnografia das paisagens urbanas de Porto Alegre/RS, Brasil. O palimpsesto fotográfico consiste na superposição de uma fotografia do presente sobre uma fotografia do passado do mesmo lugar,

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

² Doutorando em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS). Bolsista CNPq. Mestre em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS). Bacharel em Comunicação Social (PUCRS). Pesquisador do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/UFRGS).

produzindo uma terceira imagem na qual coexistem dois tempos distintos num mesmo espaço. Essa operação, desenvolvida originalmente na dissertação de mestrado do pesquisador (Rodrigues, 2023) e aqui aprofundada no âmbito da pesquisa de doutorado, opera simultaneamente como procedimento metodológico, dispositivo dialógico e forma de produção de conhecimento etnográfico.

O argumento central que percorre este trabalho é que a imagem fotográfica não é apenas documento ou ilustração, mas procedimento de conhecimento, uma forma de produzir saber sobre a cidade que opera por lógicas distintas da escrita linear e que, por isso, é capaz de tornar visíveis dimensões da vida urbana que escapam à narrativa exclusivamente textual. Em diálogo com a etnografia da duração (Eckert e Rocha, 2013a), a pesquisa articula a produção de palimpsestos fotográficos com a técnica da *photo elicitation interview* (Harper, 2002), construindo uma estratégia teórico-metodológica que combina produção e recepção dialógica das imagens como formas complementares de acesso às camadas das memórias ambientais inscritas nas paisagens urbanas.

Paisagens urbanas como arquivos de memória ambiental

As paisagens urbanas constituem-se como territórios em constante devir, territórios que, como aponta Georg Simmel (2009), não preexistem ao olhar que as constitui, mas emergem do entrelaçamento entre formas visíveis, práticas sociais e regimes de percepção. A paisagem não é um dado natural ou neutro: é uma relação, um recorte sensível e histórico que recorta um fragmento do mundo e o religa ao todo através de uma nova instância perceptiva.

Milton Santos (2007) aprofunda essa compreensão ao definir a paisagem como um conjunto de objetos naturais e sociais em constante transformação, cujas alterações são sempre parciais e deixam rastros, testemunhos do passado. Uma paisagem representa diferentes tempos acumulados, e esse acúmulo não é uniforme: as mudanças não ocorrem na mesma velocidade nem na mesma direção em todos os lugares. A paisagem urbana é, portanto, uma heterogeneidade temporal, nela convivem formas que pertencem a momentos distintos da história da cidade, algumas ainda funcionais, outras já esvaziadas de uso, mas persistentes como formas.

É nesse cruzamento entre paisagem, ruína e tempo que se consolida o conceito de memória ambiental operado nesta pesquisa. Seguindo Eckert e Rocha (2021), a memória ambiental refere-se à persistência material, sensível e simbólica das relações entre humanos e os demais elementos que compõem o espaço urbano, mesmo quando essas

relações foram desarticuladas por processos de urbanização, industrialização e apagamento deliberado.

As crises ambientais que marcam as cidades contemporâneas, como as enchentes que devastaram Porto Alegre em maio de 2024, não são eventos excepcionais nem anomalias imprevisíveis. São o desdobramento visível de transformações urbanas acumuladas no tempo longo, inscritas nas paisagens e, muitas vezes, ativamente esquecidas pelos discursos do progresso e do planejamento. A água que retorna nas enchentes é a mesma que foi expulsa pelos aterros, canalizações e retificações de cursos de rios. As crises ambientais são, portanto, também uma forma de memória ambiental: o território que teima em guardar o que o planejamento tentou apagar.

Porto Alegre oferece um campo privilegiado para essa investigação. Cidade fundada em 1772 às margens do Guaíba, ela carrega mais de cem anos de planos diretores, do Plano Geral de Melhoramentos de 1914 ao Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental vigente desde 2000 (Abreu Filho, 2006), inscritos em suas paisagens como camadas superpostas de projetos, demolições e reconstruções. É precisamente nesse arquivo institucional e paisagístico que esta pesquisa busca raspar as memórias ambientais que a cidade ainda guarda, apesar de tudo.

Do palimpsesto metafórico ao palimpsesto operativo

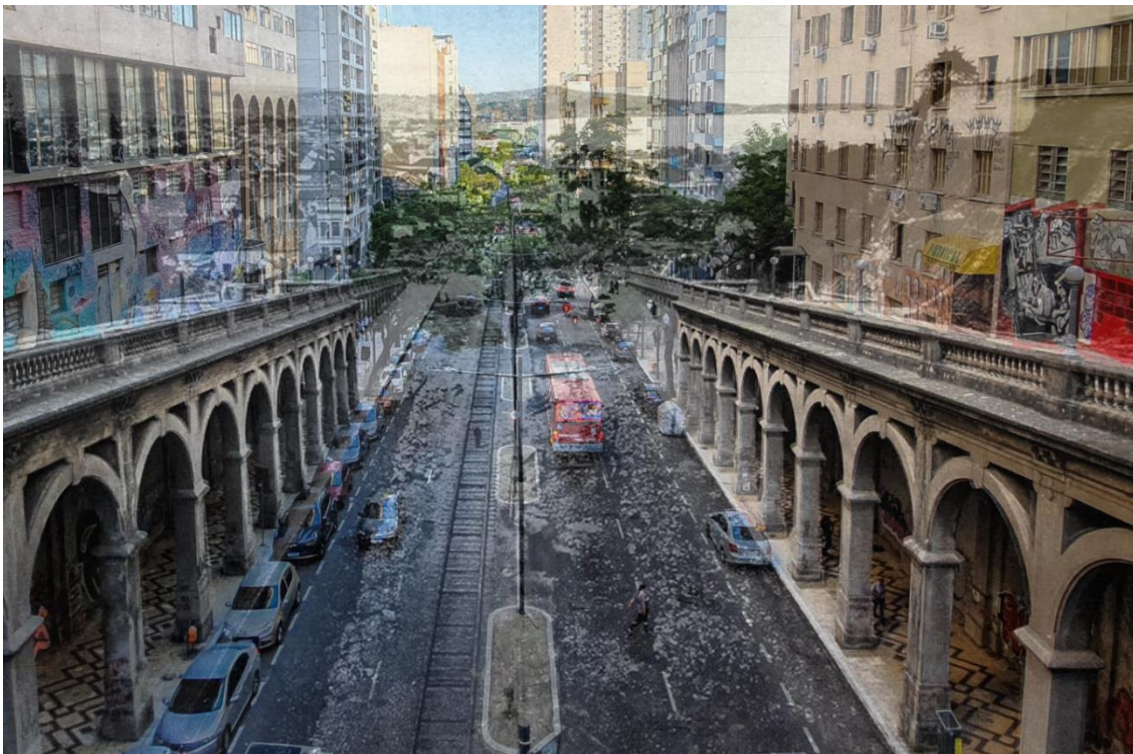


Figura 1 - Palimpsesto fotográfico urbano do Viaduto Otávio Rocha. Fonte: Felipe Rodrigues, 2022. <https://www.acervosbiev.com/colecoes-fotograficas/palimpsesto-avenida-borges-de-medeiros/>

O conceito de palimpsesto, do grego, "raspado de novo", percorreu um longo caminho desde as práticas medievais de reutilização do pergaminho até tornar-se metáfora recorrente nas ciências humanas para pensar o território, a cidade e a memória. André Corboz (2009) propõe que o território, sobrecarregado de traços e leituras do passado, se assemelha a um palimpsesto, e que raspar esse passado, mas com cuidado³, torna-se uma condição para que o novo se inscreva sem apagar completamente o que veio antes nos territórios urbanos. David Harvey (2008) incorpora o palimpsesto à compreensão do tecido urbano como campo de heterotopias, coexistências de formas que pertencem a tempos distintos num mesmo espaço (Figura 1). Sandra Pesavento (2004) aproxima o palimpsesto da historiografia urbana ao propor que a cidade incita a uma arqueologia do olhar, em busca do que se encontra oculto, mas que deixou pegadas ainda perceptíveis na paisagem.

Em todos esses usos conceituais, o palimpsesto opera como metáfora, uma imagem poderosa para pensar a cidade como acúmulo de tempos, mas que não se traduz em procedimento concreto de pesquisa. É Philippe Dubois (1998, p. 326) quem aponta o caminho para a operacionalização: "uma foto não passa de uma superfície. Não tem profundidade, mas uma densidade fantástica. Uma foto sempre esconde outra, atrás dela, sob ela, em torno dela. Questão de tela. Palimpsesto". A própria fotografia já é, em si mesma, um palimpsesto, um acúmulo de tempos condensados em uma superfície.

É a partir dessa compreensão que esta pesquisa desenvolve o palimpsesto fotográfico urbano como procedimento metodológico concreto. O procedimento consiste na sobreposição de uma fotografia do presente sobre uma fotografia do passado do mesmo lugar, realizada digitalmente, com redução de 50% de opacidade da camada superior. O resultado é uma terceira imagem, na qual coexistem os dois tempos no mesmo espaço, tornando visível o que permaneceu e o que foi apagado entre um clique e outro.

O esquema abaixo (Figura 2) sintetiza os quatro movimentos que compõem o procedimento: a definição dos lugares na cidade para a aplicação do método; a busca e organização das imagens do passado desses lugares em coleções etnográficas; a

³ *Le territoire, tout surchargé qu'il est de traces et de lectures passées en force, ressemble plutôt à un palimpseste. Pour mettre en place de nouveaux équipements, pour exploiter plus rationnellement certaines terres, il est souvent indispensable d'en modifier la substance de façon irréversible. Mais le territoire n'est pas un emballage perdu ni un produit de consommation qui se remplace. Chacun est unique, d'où la nécessité de « recycler », de gratter une fois de plus (mais si possible avec le plus grand soin) le vieux texte que les hommes ont inscrit sur l'irremplaçable matériau des sols, afin d'en déposer un nouveau, qui réponde aux nécessités d'aujourd'hui avant d'être abrogé à son tour. Certaines régions, traitées trop brutalement et de façon impropre, présentent aussi des trous, comme un parchemin trop raturé: dans le langage du territoire, ces trous se nomment des déserts. (Corboz, 2009, p. 87).*

refotografia dos mesmos lugares no presente, buscando replicar o ponto de vista das fotografias históricas; e a posterior superposição digital das duas fotografias, produzindo a refiguração do palimpsesto.



Figura 2 - Esquema da refiguração dos palimpsestos fotográficos urbanos. Fonte: Felipe Rodrigues, 2023. Adaptado pelo autor, 2026.

Essa terceira imagem que surge desse processo opera, nos termos de Paul Ricoeur (1995), como refiguração: uma reescritura do tempo a partir da mediação entre o tempo prefigurado, a cidade tal como existe, construída em pedra, e o tempo configurado, o tempo transcorrido durante o qual a cidade se transformou. A refiguração não é reconstituição do passado, mas produção de uma nova perspectiva sobre o presente a partir dos vestígios que o passado deixou.



Figura 3 - Fotografia mostrando a visão que se tinha do alto da escadaria da rua João Manoel. Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, autor desconhecido, década de 1970 e Vista atual do alto da escadaria da rua João Manoel, Porto Alegre. Foto: Felipe Rodrigues, 2023.

As fotografias anteriores (Figura 3) mostram essa operação. Uma fotografia histórica, recolhida no acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, mostra a vista que se tinha do alto da escadaria da rua João Manoel em direção ao Guaíba, na década de 1970. Já a fotografia atual, produzida pelo pesquisador em 2023 exatamente do mesmo ponto, revela que a vista foi completamente obstruída por uma parede de edifícios. O palimpsesto que resulta da superposição das duas imagens (Figura 4) torna perceptível o que persiste e o que foi apagado: o rio que o homem sentado nos degraus observava já não está visível, mas sua ausência vibra na transparência da superposição.

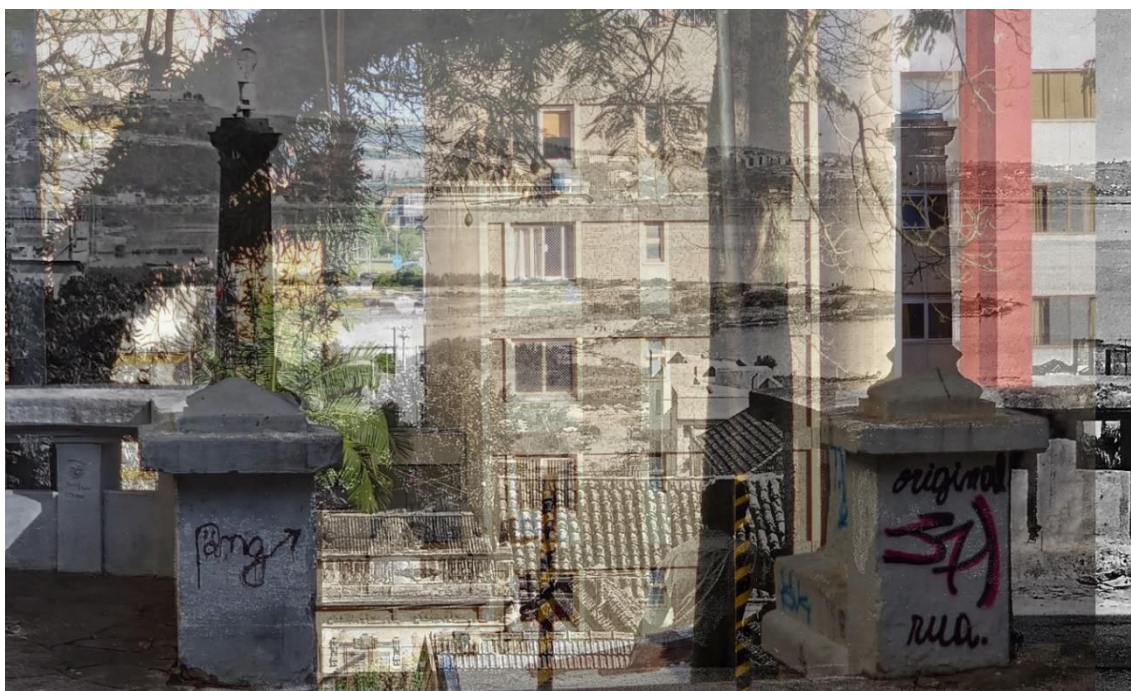


Figura 4 - Palimpsesto fotográfico da escadaria da rua João Manoel. Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, autor desconhecido, década de 1970; e foto: Felipe Rodrigues, 2023.
<https://www.acervosbiev.com/colecoes-fotograficas/palimpsesto-fotografico-urbano-praca-da-matriz-escadaria-da-rua-joao-manuel/>

A imagem como procedimento de conhecimento

Produzir palimpsestos fotográficos é operar com imaginação criadora. Não se trata de uma ilustração de ideias já formadas, nem de um registro do que o olho viu em campo, mas de uma operação que instaura uma hermenêutica, propiciando o acesso a conhecimentos que dificilmente seriam alcançados sem as imagens. É nesse sentido que Fabiana Bruno (2019) propõe compreender as imagens como dispositivos de pensamento, e não como simples registros do real. A imagem opera segundo uma lógica distinta da escrita linear: permite a justaposição de fragmentos, a suspensão do sentido e a abertura interpretativa.

Walter Benjamin (2009) desenvolveu a montagem literária como forma de capturar as relações multi-estratificadas e fragmentadas entre economia, política e cultura sem jamais abandonar a perspectiva de uma totalidade. Ao reunir fragmentos heterogêneos e fazê-los coexistir numa mesma superfície, a montagem não explica o fenômeno, mas o expõe em sua complexidade. Paola Berenstein Jacques (2018) estende esse princípio para o campo do urbano: a montagem aparece como forma de conhecimento histórico capaz de desmontar a história oficial e remontar outros tempos heterogêneos, trazendo à tona as heterocronias urbanas que persistem, materialmente ou não, em qualquer cidade.

Willi Bolle (1994), ao refletir sobre a fisiognomonia benjaminiana, aponta que a imagem possibilita o acesso a um saber arcaico e a formas primitivas de conhecimento que a escrita linear frequentemente não alcança. Por meio de imagens, é possível ler a mentalidade de uma época, suas fantasmagorias, seus desejos, seus resíduos aparentemente insignificantes. Para esta pesquisa, esse princípio orienta a leitura dos palimpsestos fotográficos como documentos de uma história urbana que não está nos planos diretores nem nas crônicas oficiais, mas nas formas que persistem nas paisagens e nas memórias que essas formas carregam.

É nesse quadro que a mitocrítica e a mitanálise propostas por Gilbert Durand (2012) oferecem uma chave interpretativa, sincrônica e diacrônica ao mesmo tempo, para a leitura dos palimpsestos fotográficos. Para Durand, o imaginário não é um conjunto aleatório de imagens, mas uma estrutura organizada por esquemas, arquétipos e símbolos que persistem nas culturas ao longo do tempo. Ao raspar as camadas superpostas das paisagens urbanas por meio dos palimpsestos, o pesquisador não acessa apenas formas visuais do passado, mas as estruturas simbólicas, as tópicas socioculturais, que organizaram o imaginário coletivo da cidade em diferentes momentos de sua história. O palimpsesto fotográfico é, nesse sentido, também um instrumento de mitanálise: ao superpor tempos distintos numa mesma imagem, ele torna visíveis as permanências simbólicas que o progresso tentou apagar, mas que o imaginário coletivo insiste em guardar.

A pesquisa em acervos fotográficos inscreve-se, nesse quadro, no âmbito da etnografia da duração (Eckert e Rocha, 2013a), procedimento teórico-metodológico para investigar as memórias coletivas nas cidades contemporâneas a partir de suas temporalidades múltiplas e superpostas. Habitar os acervos como campo de pesquisa, percorrer fundos fotográficos e arquivos com a mesma atenção sensível que o etnógrafo

dedica aos territórios que estuda, é uma das vias privilegiadas de acesso às memórias ambientais inscritas nas paisagens.

***Photo elicitation interview* como decifração dialógica**

A produção dos palimpsestos fotográficos não encerra o processo metodológico. Ela o abre. Ao apresentar os palimpsestos, e as fotografias históricas e atuais que os compõem, a narradores urbanos em situação de entrevista, o pesquisador coloca sua própria interpretação em contato com outras memórias e outros olhares. É esse movimento que a técnica da *photo elicitation interview* (Harper, 2002) torna possível.

A *photo elicitation* consiste na utilização de imagens como mediadoras do processo de entrevista, com o intuito de provocar narrativas, memórias e interpretações que dificilmente emergiriam por meio de perguntas convencionais. A imagem, ao ser apresentada ao entrevistado, funciona como um dispositivo de evocação, ela abre o tempo, aciona afetos e ancora a fala em experiências concretas e situadas. Diferentemente de entrevistas convencionais, nas quais a imagem aparece como ilustração do que é dito, aqui ela é o ponto de partida: é a imagem que conduz a conversa, que direciona o olhar e que abre as camadas de memória que o entrevistado carrega.

Nesta pesquisa, a técnica é aplicada em três camadas temporais complementares: fotografias históricas recolhidas em acervos de museus, que documentam os espaços da cidade no passado; fotografias dos mesmos espaços produzidas pelo pesquisador no tempo presente; e as refigurações dos palimpsestos fotográficos, que sobrepõem essas duas temporalidades numa única imagem. Apresentar as três camadas em sequência ao entrevistado não é apenas uma estratégia metodológica, é um convite a habitar o intervalo entre o que foi e o que é, a reconhecer na paisagem atual os rastros do que ela foi.

Os entrevistados não são apenas informantes: são também leitores das imagens, e suas leituras adicionam ao palimpsesto camadas de significado que o etnógrafo, sozinho, não seria capaz de construir. As memórias evocadas diante das imagens não confirmam nem refutam o que o palimpsesto mostra, elas o enriquecem, desestabilizam, complexificam. A narrativa que emerge desse diálogo é, portanto, plural: feita de vozes, memórias e imaginários que se superpõem, tal qual as camadas de tempo que o palimpsesto torna visíveis.

Essa dimensão dialógica da *photo elicitation* ressoa com a proposta do antropólogo na figura do narrador, tal como desenvolvida por Eckert e Rocha (2003). O pesquisador não é um observador distante que registra o real, mas um narrador que, ao

construir as imagens e ao apresentá-las em campo, constrói também uma interpretação situada da cidade e de suas memórias ambientais, interpretação que se enriquece e se transforma no contato com as leituras dos narradores urbanos. A *photo elicitation*, nesse sentido, não é apenas uma técnica de coleta de dados: é uma forma de partilha da experiência de ver e interpretar a cidade.

As entrevistas realizadas com intelectuais que investigam Porto Alegre, provenientes de campos como a antropologia, o planejamento urbano, as geociências, a história e o jornalismo; e com moradores e frequentadores antigos dos espaços pesquisados, revelam como a apresentação dos palimpsestos ativa camadas de memória que a imagem isolada não alcançaria. Diante da sobreposição de duas temporalidades numa mesma imagem, os entrevistados reconhecem transformações, nomeiam ausências, evocam práticas e relações com o território que o processo de urbanização tentou apagar. É nesse movimento que as memórias ambientais se tornam, efetivamente, legíveis na paisagem urbana.

Considerações finais

Esta pesquisa propõe os palimpsestos fotográficos urbanos como estratégia teórico-metodológica para a Antropologia Visual, articulando produção e recepção dialógica das imagens como formas complementares de acesso às memórias ambientais inscritas nas paisagens urbanas. Ao deslocar o palimpsesto da metáfora ao procedimento operativo, a pesquisa demonstra que a imagem fotográfica é capaz de produzir conhecimento próprio sobre a cidade, um conhecimento que não substitui a escrita, mas que a complementa ao tornar sensíveis dimensões da vida urbana que escapam à narrativa exclusivamente textual.

A contribuição para as reflexões sobre práticas etnográficas e estratégias teórico-metodológicas com/por imagens reside, precisamente, nessa dupla articulação: entre produção visual (os palimpsestos como procedimento etnográfico) e recepção dialógica (a *photo elicitation interview* como forma de partilhar e multiplicar as interpretações das imagens). As duas operações juntas constroem uma narrativa multimodal sobre as transformações urbanas e as memórias ambientais de Porto Alegre, uma narrativa que não busca fixar o passado, mas tornar perceptível o que a cidade ainda guarda, apesar de tudo.

As paisagens, como demonstrou este percurso, ao mesmo tempo que nunca são, estão sempre deixando de ser. É nesse intervalo, entre o que foi e o que é, entre o que foi apagado e o que persiste, que a etnografia das paisagens urbanas encontra seu campo. E

é nesse mesmo intervalo que os palimpsestos fotográficos operam: não como reconstituição do passado, mas como o raspar de novo, para tornar visível o que estava soterrado e que, apesar de tudo, continua a vibrar no tempo e nos espaços das cidades contemporâneas.

Referências bibliográficas

- ABREU FILHO, Silvio Belmonte de. Porto Alegre como cidade ideal: planos e projetos urbanos para Porto Alegre. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2006.
- BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- BOLLE, Willi. Fisiognomia da metrópole moderna. São Paulo: Edusp, 1994.
- BRUNO, Fabiana. Fotobiografia: por uma metodologia da estética em ciências humanas. São Paulo: Annablume, 2019.
- CORBOZ, André. De la ville au patrimoine urbain: Histoires de forme et de sens. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2009.
- DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. Campinas: Papirus, 1998.
- DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia da Duração: antropologias das memórias coletivas nas coleções etnográficas. Porto Alegre: Marca Visual, 2013a.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. O antropólogo na figura do narrador. *Habitus*, Goiânia, v. 1, n. 2, 2003.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Tempo e memória ambiental: etnografia da duração das paisagens citadinas. Porto Alegre: ABA Publicações, 2021.
- HARPER, Douglas. Talking about pictures: a case for photo elicitation. *Visual Studies*, v. 17, n. 1, p. 13-26, 2002.
- HARVEY, David. Condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 2008.
- JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. Salvador: EDUFBA, 2018.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. *Esboços*, v. 11, p. 25-30, 2004.
- RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. Tomo 1. Campinas: Papirus, 1995.
- RODRIGUES, Felipe da Silva. Escrituras com imagens: refigurando os palimpsestos fotográficos urbanos de Porto Alegre/RS como uma proposta de método para a leitura da

cidade. 2023. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) — PROPUR/UFRGS, Porto Alegre, 2023.

SANTOS, Milton. Pensando o espaço do homem. São Paulo: Edusp, 2007.

SIMMEL, Georg. A filosofia da paisagem. Tradução de Artur Morão. Covilhã: LusoSofia Press, 2009.